

NAS INSTÂNCIAS DO DISCURSO:

uma permeabilidade de fronteiras



Denize Elena Garcia da Silva
(Organizadora)

EDITORA

UnB


OFICINA EDITORIAL
Instituto de Letras - UnB

A obra representa uma aproximação profícua de pesquisadores de diversas instituições, cujos artigos, em lugar de refletir diferentes paradigmas do pensamento lingüístico, revelam o esforço de cada um dentro de suas áreas específicas na busca de caminhos que favoreçam o ensino do vernáculo e garantam a compreensão do uso da língua como prática social.

Luiz Antônio Marcuschi (UFPE),
Denize Elena Garcia da Silva (UnB),
Jacob L. Mey (Odense University -
Dinamarca), Maria Carmen Aires
Gomes (UFV), Izabella dos Santos
Martins Mendes (UFMG), Janaina
Minelli de Oliveira (UFMG), Dina
Maria Martins Ferreira (UPM-SP),
Heloísa Marques Miguel (UFG), Ivone
Tavares de Lucena (UFPB), Carmem
Cecília Camatari Galvão (FJMJ), Lillian
Márcia Simões Zamboni (Unicamp/SP),
Gláucia Muniz Proença Lara (UFMS),
Eline Alcântara dos Santos (Uneb),
Maria Francisca de Oliveira Santos
(UFAL) e Cibele Brandão (UnB)

NAS INSTÂNCIAS
DO DISCURSO:
uma permeabilidade de fronteiras



**FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
DE BRASÍLIA**

Reitor
Lauro Morhy

Vice-Reitor
Timothy Martin Mulholland



Diretor
Alexandre Lima

Conselho Editorial
Presidente
Henryk Siewierski

Alexandre Lima, Clarimar Almeida Valle,
Dione Oliveira Moura, Jader Soares Marinho Filho,
Ricardo Silveira Bernardes, Suzete Venturelli



OFICINA EDITORIAL
Instituto de Letras - UnB

Conselho Editorial
Aryon Dall'Igna Rodrigues, Germana Henriques P. de Sousa,
Heloisa Maria Moreira de Lima A. Salles, Henryk Siewierski,
Rogério da Silva Lima, Vilma Reche Correa



Denize Elena Garcia da Silva
Organizadora

NAS INSTÂNCIAS
DO DISCURSO:
uma permeabilidade de fronteiras



Equipe Editorial

Rita de Cássia da Silva Pedroso de Albuquerque – *Preparação de originais e editoração eletrônica*

Regina Maria Furquim Freire da Silva e Carmem
Cecília Catamari Galvão – *Revisão*

Roberta Elena da Silva Bocchino – *Capa*

Copyright © 2005 by Denize Elena Garcia da Silva (Organizadora)

Impresso no Brasil

Direitos exclusivos para esta edição:

Editora Universidade de Brasília
SCS, Q. 02, Bloco C, Nº 78, Ed. OK – 2º andar
70300-500 – Brasília-DF
Tel: (61) 3035-4200 – Fax: (61) 3225-5611
www.livrariauniversidade.unb.br – editora@unb.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca
Central da Universidade de Brasília

N241 Nas instâncias do discurso: uma permeabilidade de fronteiras / Denize Elena Garcia da Silva (Organizadora). – Brasília : Editora Universidade de Brasília : Oficina Editorial do Instituto de Letras, 2005.
204 p.

ISBN 85-230-0836-5

1. Análise de discurso crítica. 2. Lingüística textual.
3. Sociolingüística internacional. I. Silva, Denize Elena Garcia da.

CDU 801

*Ao meu Roberto e a cada Paulo
da minha vida*

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	11
APRESENTAÇÃO	13
PARTE I – DISCURSO E GRAMÁTICA	19
DISCURSO, COGNIÇÃO E GRAMÁTICA NOS PROCESSOS DE TEXTUALIZAÇÃO <i>Luiz Antônio Marcuschi</i>	21
DISCURSO E GRAMÁTICA: MOTIVAÇÕES COGNITIVAS E INTERACIONAIS <i>Denize Elena Garcia da Silva</i>	37
DISCURSO, GRAMÁTICA E PRAGMÁTICA <i>Jacob L. Mey</i>	49

PARTE II – DISCURSO E MÍDIA.....63

**A VOZ E O *ETHOS* MÉDICO-CIENTÍFICO NO TEXTO DE
INFORMAÇÃO PUBLICITÁRIO**

Maria Carmen Aires Gomes 65

**UM CASO DE POLÍCIA: AS REPORTAGENS POLICIAIS EM
DOIS JORNAIS IMPRESSOS BRASILEIROS, ABORDADAS À
LUZ DA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO**

Izabella dos Santos Martins Mendes 77

**AÇÕES SOCIAIS DO GÊNERO INFORMAÇÃO CIENTÍFICA
TRANSMITIDA POR MEIO DO JORNAL TELEVISIVO
BRASILEIRO**

Janaina Minelli de Oliveira 87

**PARTE III – DISCURSO, GÊNERO SOCIAL E
IDENTIDADE.....99**

**CONSTRUTO IDENTITÁRIO FEMININO NA BUSCA DO
METAINSTÁVEL: *ENEIDA* DE VERGÍLIO E MÍDIA DA
ATUALIDADE**

Dina Maria Martins Ferreira 101

A CATEGORIA DO TEMPO EM “O CHAMADO DAS PEDRAS”

Heloisa Marques Miguel 111

**A INSCRIÇÃO DO SUJEITO NO DISCURSO DA MÚSICA
NORDESTINA: UMA QUESTÃO DE IDENTIDADE?**

Ivone Tavares de Lucena 125

PARTE IV – GÊNERO, IDENTIDADE E ARTICULAÇÃO DAS DIFERENÇAS.....	135
GÊNERO DISCURSIVO ANAMNESE: PRIMEIROS DESVELAMENTOS	
<i>Carmem Cecília Camatari Galvão</i>	<i>137</i>
DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA: CIÊNCIA OU JORNALISMO?	
<i>Lilian Márcia Simões Zamboni</i>	<i>145</i>
SEMIÓTICA GREIMASIANA E ANÁLISE DO DISCURSO: UMA ARTICULAÇÃO POSSÍVEL	
<i>Gláucia Muniz Proença Lara</i>	<i>155</i>
PARTE V – DISCURSO ACADÊMICO, INTERAÇÃO E COMPORTAMENTO NÃO-VERBAL	167
SUJEITO-PROFESSOR: MULTIPLICIDADE DE POSIÇÕES	
<i>Eline Alcântara dos Santos</i>	<i>169</i>
OS ASPECTOS NÃO-VERBAIS E VERBAIS NA INTERAÇÃO DO DISCURSO DE SALA DE AULA: RESULTADOS PRELIMINARES	
<i>Maria Francisca de Oliveira Santos</i>	<i>179</i>
ESTRATÉGIAS PRAGMÁTICAS NÃO-VERBAIS NO PROCESSO DE VARIAÇÃO ESTILÍSTICA	
<i>Cibele Brandão</i>	<i>191</i>
COLABORADORES.....	201

AGRADECIMENTOS

Aos colegas que atenderam à chamada de trabalho para o VI ENIL, brindando-nos não só com a presença, mas sobretudo com a pontualidade na entrega dos artigos, vão os primeiros agradecimentos, pois da resposta concretizada no texto de cada um surgiu este livro.

Além dos colaboradores que assinam os capítulos, três pessoas especiais apoiaram-me durante a fase de organização e montagem: Rita de Cássia encarregou-se da árdua tarefa de formatação e diagramação dos originais, Roberta Elena foi responsável pela parte artística de criação da capa, enquanto Paulo Lindemberg facilitou-me o acesso às ferramentas dos programas de informática, com seu suporte técnico e sua paciência. Os três são meus filhos, razão pela qual meu agradecimento e meu afeto brotam do fundo do coração.

O apoio parcial da Capes e o incentivo do Instituto de Letras da UnB, somados à generosidade da Fundação de Empreendimentos Científicos e Tecnológicos (FINATEC), que não poupou esforços para garantir o sucesso do VI ENIL, representaram o baluarte seguro para as apresentações dos trabalhos de pesquisa, aqui representados nos quinze artigos selecionados.

Entre as pessoas que direta ou indiretamente não mediram esforços para enviar-me apoio incondicional a todo momento, mesmo que de lugares distantes, registro dois nomes: Marcuschi e Benedito. O primeiro, além de colaborador e amigo, é o grande incentivador na escalada dos estudos do discurso. Na sua trilha, segue Benedito Gomes Bezerra,

Agradecimentos

doutorando do Programa de Pós-Graduação em Lingüística da UFPE, o responsável pela tradução do artigo de Jacob Mey. Aos dois, que me sensibilizaram pelos gestos de solidariedade, um agradecimento especial.

Agradeço ainda a todos os colegas e alunos do Programa de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade de Brasília que auxiliaram na realização do VI ENIL, de modo especial à Maria Christina Diniz Leal, cuja atuação no trabalho da comissão científica foi de um valor inestimável. Meus agradecimentos também à Lúcia Maria Pinheiro Lobato, pois, mais que significar uma presença marcante no evento, contribuiu efetivamente por meio de ações e de palavras de incentivo. Ambas, que nos privilegiam com lições de vida todos os dias, constituem exemplo de compromisso profissional, dedicação, seriedade e elegância na vida acadêmica.

Por fim, o agradecimento a meu esposo e companheiro pelo altruísmo e pela compreensão diante de determinados momentos da minha vida acadêmico-profissional.

Denize Elena Garcia da Silva

**PARTE IV - GÊNERO, IDENTIDADE E
ARTICULAÇÃO DAS DIFERENÇAS**

SEMIÓTICA GREIMASIANA E ANÁLISE DO DISCURSO: UMA ARTICULAÇÃO POSSÍVEL

Gláucia Muniz Proença Lara

Introdução

Uma vez que entendemos o texto (o discurso)¹, ao mesmo tempo, como objeto de significação e como objeto histórico, já que se trata de aspectos complementares e não excludentes, julgamos que uma análise de discursos deve levar em conta tanto os mecanismos intradiscursivos quanto os mecanismos interdiscursivos que atuam no processo de constituição do sentido.

Não basta, portanto, saber o quê e como o texto diz, mas também em que circunstâncias ele o diz, resgatando, para tanto, as condições sócio-históricas de sua produção e recepção. Isso significa estudar o plano de conteúdo dos discursos considerados, por meio do percurso gerativo, tal como foi proposto pela semiótica greimasiana, mas também relacionar o que eles dizem com o contexto, tomando por base, desta vez, a análise do discurso de linha francesa – abreviadamente AD.

Esse tipo de integração entre as duas abordagens teóricas mencionadas é também proposta por Barros (1988:5-6). Na sua opinião, a semiótica greimasiana encontra-se suficientemente avançada para oferecer princípios, técnicas e métodos adequados do que se costuma denominar *análise interna* do discurso, constituindo-se, na atualidade,

um dos modelos mais completos de abordagem das estruturas narrativas. No entanto, a autora reconhece que tal teoria não tem tratado ainda, de forma satisfatória, das relações entre o discurso e o contexto (descrição a que se tem atribuído o nome de *análise externa* do texto, tomado como objeto histórico).

Em outras palavras: a semiótica greimasiana, ao tomar o texto como objeto de significação e privilegiar o estudo das relações intratextuais, isto é, dos mecanismos e procedimentos que o estruturam, não se tem ocupado, como deveria, das variáveis sócio-históricas ou condições de produção, que engendram, com as lingüísticas, o sentido do discurso, questão privilegiada pela AD.

Barros (1988:5) propõe, então, como hipótese conciliatória,

[...] integrar, por meio da enunciação, uma abordagem interna do texto, indispensável para que se reconheçam os mecanismos e regras de engendramento do discurso, com a análise externa do contexto sócio-histórico, em que o texto se insere e de que, em última instância, cobra o sentido.

Isso significa utilizar como base para a análise de discursos, de um lado, a semiótica greimasiana e, do outro, a AD, considerando que essas duas teorias podem ser utilizadas de forma complementar. Aliás, Barros (1988) admite que a enunciação, mediadora entre formações sociais e discursivas, já encontrou, há muito, espaço na proposta semiótica. Nesse sentido, trabalhos importantes, como os que foram realizados no Brasil por Barros (1988; 1990) e por Fiorin (1988a; 1988b), têm desenvolvido, de forma bastante apropriada, essa "perspectiva conciliatória" entre a semiótica greimasiana e a AD.

Inserindo-se no quadro das teorias que se ocupam do texto (do discurso), entendido como uma totalidade de sentido, dotada de uma organização específica que cabe ao analista apreender, a teoria semiótica, desenvolvida na França em torno da obra de Algirdas Julien Greimas, dá especial relevo, conforme já dissemos, ao conceito de texto enquanto objeto de significação e, por conseguinte, preocupa-se em estudar os mecanismos que o engendram, que o constituem como um todo significativo. Em outras palavras: procura descrever e explicar o que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz, examinando, em primeiro lugar, o seu plano de conteúdo, que é concebido sob a forma de um *percurso gerativo*.

Por essa expressão, Greimas & Courtés (1993:157-8) designam a disposição dos componentes de uma teoria semiótica uns em relação aos outros, dentro da perspectiva da geração, isto é, postulando que, em todo objeto semiótico, podendo ser definido segundo o modo de sua

produção, os componentes que intervêm nesse processo se articulam uns com os outros segundo um *percurso* que vai do mais simples e abstrato ao mais complexo e concreto.

O percurso gerativo de sentido comporta três etapas: as estruturas fundamentais, instância mais profunda, em que são determinadas as estruturas elementares do discurso; as estruturas narrativas, nível sintático-semântico intermediário; e as estruturas discursivas, mais próximas da manifestação textual, que, como o próprio nome indica, se encarregam de *colocar em discurso* as estruturas semióticas de superfície, fazendo-as passar pela instância da enunciação. Cada um desses patamares é dotado de uma sintaxe, entendida como o conjunto de mecanismos que ordena os conteúdos, e de uma semântica, tomada como os conteúdos investidos nos arranjos sintáticos, sendo que uma mesma relação sintática pode receber uma variedade imensa de investimentos semânticos (cf. Fiorin, 1989:18-19).

Temos, assim, uma semântica fundamental que – ao lado da sintaxe fundamental – corresponde à instância *a quo* do percurso gerativo. As unidades que a instituem são, no entender de Greimas & Courtés (1993:330-1), estruturas elementares da significação e podem ser formuladas como categorias semânticas, suscetíveis de ser articuladas sobre o quadrado semiótico. Já a sintaxe fundamental procura dar conta, ao mesmo tempo, do modo de existência e do modo de funcionamento da significação, por meio de dois tipos de operações: a negação e a asserção. Se a operação de negação serve essencialmente para produzir os termos contraditórios, a asserção é capaz de reunir os termos situados nos eixos dos contrários e dos subcontrários.

No patamar seguinte, temos a sintaxe e a semântica narrativas. Esta deve ser considerada, segundo Greimas & Courtés (*op.cit.*:331-2), como a instância de atualização dos valores que são, então, assumidos por um sujeito. O molde sintático onde se dá o investimento dos valores selecionados é o enunciado de estado. Independentemente da natureza do valor – que pode ser modal ou descritivo, subjetivo ou objetivo – sua inscrição no actante-objeto em junção com o sujeito define este último no seu *ser* móvel, mobilizável, em vista do programa narrativo que o transformará.

A sintaxe narrativa, por sua vez, consiste numa *manipulação de enunciados*. O enunciado elementar da sintaxe narrativa caracteriza-se pela relação de transitividade entre dois actantes: o sujeito e o objeto, apresentando duas formas possíveis: os enunciados de estado e os de fazer, estes regendo aqueles assim como as transformações operam sobre as relações. A estrutura constituída por um enunciado de fazer regendo um enunciado de estado – denominada programa narrativo ou

abreviadamente PN – é considerada a unidade elementar operatória da sintaxe narrativa, situando-se duplamente na dimensão pragmática e na dimensão cognitiva da narratividade.

É preciso considerar ainda que todo PN de fazer pressupõe logicamente um PN modal. Teremos, assim, ao lado de um “fazer-ser”, que corresponde à perfórmance do sujeito, modalidades – tais como as do querer-fazer ou do poder-fazer – como condições necessárias para a realização dessa perfórmance, o que constitui a competência modal do sujeito. A seqüência lógica dos programas de competência (pressuposto) e de perfórmance (pressuponente) constitui o percurso narrativo do sujeito (cf. Greimas & Courtés, 1993: 381-3).

Além do percurso do sujeito que, conforme constatamos, se define pela aquisição da competência necessária à perfórmance e pela execução dessa ação, há dois outros percursos: o do destinador-manipulador e o do destinador-julgador, que enquadram o do sujeito. Para Greimas e Courtés (*op.cit.*:95), o destinador é quem comunica ao destinatário-sujeito não apenas os elementos da competência modal, mas também os valores em jogo (destinador-manipulador); é também aquele a quem é comunicado o resultado da perfórmance do destinatário-sujeito a quem lhe cabe sancionar (destinador-julgador).

Chegamos, finalmente, ao último patamar do percurso gerativo. Do ponto de vista sintático, os procedimentos de *colocação em discurso* ou de discursivização, que entram em jogo na instância da enunciação, levam, graças aos mecanismos de debreagem e de embreagem, à constituição de unidades discursivas. Pode-se distinguir três subcomponentes da discursivização: a actorialização, a temporalização e a espacialização que, enquanto procedimentos, permitem inscrever as estruturas narrativas – de natureza lógica – em coordenadas espaço-temporais e de converter os actantes em atores discursivos (cf. Greimas & Courtés, *op.cit.*:379-80). A sintaxe discursiva abrange também as relações entre enunciador e enunciatário, enfocando os procedimentos argumentativos utilizados pelo primeiro para persuadir ou convencer o segundo.

Paralelamente, no âmbito da semântica, novos investimentos vão acompanhar essa reorganização sintagmática. Um percurso narrativo dado pode, então, ser convertido, por ocasião da sua discursivização, seja em um percurso temático, seja, numa etapa posterior, em um percurso figurativo. Isso quer dizer que todos os textos tematizam o nível narrativo, isto é, revestem os esquemas narrativos abstratos com temas, podendo, em seguida, concretizar ainda mais o nível temático, revestindo-o com figuras. Teríamos, por conseguinte, duas grandes classes de discurso: os temáticos e os figurativos que, segundo Barros (1990: 71), se definem não pela exclusividade, mas pela predominância de elementos abstratos ou concretos.

Feita essa rápida incursão pelos domínios da teoria semiótica, percebemos que um texto se constrói como uma superposição de níveis de profundidade diferente, num processo de invariância crescente (do nível superficial ao mais profundo), sendo cada uma das etapas suscetível de ser descrita e explicada por uma gramática autônoma, embora o sentido do texto dependa da relação entre os níveis.

Considerando, por outro lado, que o discurso é o espaço privilegiado de imbricação entre o lingüístico e o ideológico, teremos que admitir com Fiorin (1988b: 19) que o lugar, por excelência, da manifestação ideológica, dentro do percurso gerativo, é o componente semântico do nível discursivo. Isso porque os temas e as figuras que ali se deixam apreender constituem as formações discursivas (FDs)² que materializam, por meio da linguagem, as formações ideológicas (FIs) que lhes são correspondentes.

É sobretudo nessa etapa da análise que recorreremos à AD – para complementar a análise do componente semântico do patamar discursivo –, uma vez que a questão da ideologia e das noções a ela relacionadas, tais como as de FD e de FI, tem sido um dos pontos privilegiados de reflexão da referida teoria. Recorreremos também à noção de “jogo de imagens” proposta por Pêcheux (1990: 79-87). Para o autor, os lugares determinados na estrutura de uma formação social são “representados” por uma série de formações imaginárias, que intervêm a título de condições de produção do discurso: a imagem que o falante tem de si, a que tem do seu ouvinte, a que tem do referente etc.

Segundo Maingueneau (1993: 13-4), a AD apóia-se crucialmente nos conceitos e métodos da Lingüística, mas é preciso levar em conta outras dimensões, tais como o quadro das instituições em que o discurso é produzido, as quais restringem fortemente a enunciação; ou ainda os conflitos históricos, sociais etc. que se cristalizam nos discursos.

Inscrevendo-se, pois, num quadro teórico que articula o lingüístico com o sócio-histórico, a AD terá na *ideologia* e no *discurso* seus conceitos nucleares. Pêcheux & Fuchs (1990:163-79), partindo da definição de formação social como uma conjuntura em que várias FIs se confrontam, consideram uma FI como “um conjunto de representações que não são nem ‘individuais’ nem ‘universais’, mas se relacionam mais ou menos a *posições de classe* em conflito umas com as outras” (grifo dos autores). As FIs, por sua vez, comportam necessariamente, como um de seus componentes, uma ou várias FDs interligadas que “determinam o que pode e o que deve ser dito a partir de uma posição dada numa conjuntura, isto é, numa certa relação de lugares, no interior de um aparelho ideológico, e inscrita numa relação de classes” (p. 166-7).

Entretanto, se uma FD determina a seus falantes *o que pode e o que deve ser dito*, buscando uma homogeneidade discursiva, ela não é

um bloco compacto, mas uma realidade heterogênea por si mesma, o que significa que seu fechamento é fundamentalmente instável, deslocando-se em função dos embates da luta ideológica (cf. Courtine, 1981:49-50). Tal questão traz como correlata a necessidade de definir uma FD a partir do seu interdiscurso – o espaço de regularidade pertinente, do qual os diversos discursos são componentes – já que ela é atravessada por várias FDs, não se constituindo, conseqüentemente, em um bloco fechado sobre si mesmo. Courtine (*op.cit.*) considera, portanto, o interdiscurso como a unidade de análise pertinente.

Para Possenti (1990:52), a AD, em sua fase mais recente, passou a trabalhar sob o signo da heterogeneidade³, tendo na polifonia a marca característica dos discursos, ou seja, os *ingredientes* lingüísticos de cada discurso (palavras, enunciados etc) carregam a memória de outros discursos, são atravessados por várias FDs. Levando, pois, em conta o conceito de heterogeneidade que anima a AD, o pesquisador terá como tarefa apreender, via interdiscurso, as diferentes FDs que atravessam um dado discurso, relacionando-as à(s) FI(s) em jogo. Com isso, estará resgatando as variáveis sócio-históricas que engendram, com as lingüísticas, o sentido do discurso e privilegiando a relação texto/contexto, o que lhe permitirá complementar e enriquecer a análise dos mecanismos intradiscursivos, obtidos via semiótica greimasiana. Vejamos como essa dupla abordagem teórica funciona na análise de discursos concretos.

No caso do discurso do professor de português⁴, é possível observar, num primeiro momento, que o português se mostra como duas línguas diferentes: uma é a *norma culta*, tomada como a “verdadeira” língua; a outra é a *variante popular*, entendida como adulteração da norma culta. Do ponto de vista da semiótica greimasiana, a partir das oposições que se estabelecem entre essas “duas línguas”, chegamos à categoria semântica de base /identidade/ vs /alteridade/, o primeiro termo do par, referente à norma culta, sendo axiologizado positivamente e o segundo, relacionado à variante popular, negativamente.

Já no nível narrativo, vemos sujeitos-falantes que, em sua grande maioria, mantêm uma relação de disjunção com o objeto língua portuguesa (= norma culta), no qual se investem os valores representados pela “identidade” (unicidade, imobilidade, regularidade, superioridade, entre outros). Logo, os falantes, em geral, não aparecem como sujeitos competentes para a realização da performance – esperada e valorizada pela escola/sociedade – de falar “corretamente” (de acordo com a norma culta). Não se tornam, portanto, sujeitos realizados, não chegando a alterar sua relação com o objeto-valor de disjuntiva para conjuntiva.

Ao percurso do sujeito, junta-se o do destinador (= a escola, a sociedade) que tanto determina os valores a serem visados pelo sujeito:

a "identidade" inscrita na norma culta (embora sem dotá-lo de todos os valores modais necessários à realização da ação), quanto verifica a conformidade ou não da sua conduta com esses valores, responsabilizando-se pela sanção (cognitiva e pragmática). Nessa perspectiva, o indivíduo que não utiliza a *forma culta, correta, polida* da língua, *adequada às regras gramaticais*, é reconhecido como mau falante (*inculto, "caipira"*) e, conseqüentemente, marginalizado socialmente, além de não *ter sucesso nas atividades profissionais (na obtenção de um bom emprego, por exemplo)*.

No nível discursivo (âmbito da sintaxe), examinando as relações, sobretudo argumentativas, que se instauram entre enunciador e enunciatário, observamos que, na sua condição de enunciadores, os professores de português utilizaram procedimentos diversos (provas centradas na noção de dever, seleção de qualificações semânticas, uso de argumentos de autoridade, de provérbios e máximas, de frases feitas e figuras de linguagem, entre outros) na construção do seu fazer-persuasivo-discursivo, buscando reproduzir o discurso tido como aprovado e valorizado, dentro e fora do contexto escolar, isto é, aquele que enfatiza a beleza e a riqueza da língua portuguesa, definindo-a como símbolo da pátria e postulando que o dever do sujeito é amá-la e respeitá-la, buscando sempre a expressão "correta".

Já no âmbito da semântica discursiva, temos discursos predominantemente temáticos, em que aparecem ocasionalmente algumas figuras. Por exemplo: a língua portuguesa pode ser figurativizada como *a última flor do Lácio* ou como *um bicho-de-sete-cabeças*, segundo se insira no percurso temático da perfeição ou no da inacessibilidade.

Considerando que o discurso que valoriza a norma culta encontra-se em relação dialógica (polêmica) com o discurso que menospreza a variante popular, podemos estabelecer percursos temáticos em oposição, os primeiros referindo-se à norma culta e os segundos, à variante popular: a) *perfeição* (beleza, riqueza, correção) *vs* *imperfeição* (pobreza, deselegância, vulgaridade); b) *ordem* (padronização, gramaticalidade, sistematização) *vs* *caos* (agramaticalidade, desordenação); c) *prestígio* (reconhecimento social e profissional, oficialidade, formalidade) *vs* *desprestígio* (discriminação social e profissional, coloquialidade, informalidade); entre outros.

Por sua vez, no âmbito da AD, podemos recorrer aos conceitos complementares propostos por Maingueneau (1991: 157-8) para refinar o termo "interdiscurso". Temos, assim, no interior do *universo discursivo*, um *campo discursivo* da língua, em que várias FDs se encontram em concorrência, delimitando-se reciprocamente. Dentro do campo, podem ser isolados *espaços discursivos*, isto é, subconjuntos que ligam ao

menos duas FDs que o analista julga pertinentes para seus propósitos. Logo, se fizermos um "recorte" das FDs que atravessam o discurso do professor de português, constatamos a existência de pelo menos dois espaços discursivos.

No primeiro, opõem-se o discurso do senso comum (que se mescla com a "voz" da escola e aparece como a FD dominante) e a lingüística de caráter científico (ou Lingüística). Aquele, supervalorizando a norma culta, ou seja, tomando-a como a melhor, a mais bela, a mais correta, acaba por conceber a língua como um bloco estável, compacto e uniforme e não como um conjunto estruturado de variedades, visão enfatizada pela Lingüística ou, mais especificamente, pela Sociolingüística. Já no segundo espaço discursivo por nós recortado, opõem-se um discurso pedagógico tradicional, que insiste na memorização das regras gramaticais para um "bom" desempenho lingüístico, sobretudo na escrita, e um discurso mais "moderno", que propõe uma maior reflexão sobre o funcionamento da língua e um ensino mais próximo da realidade do aluno.

Ora, se a relação dominante entre as FDs que compõem cada um dos espaços discursivos considerados é, efetivamente, a de oposição, não podemos perder de vista que elas, muitas vezes, se articulam – contraditoriamente – no discurso do professor de português, ou seja, partilham o mesmo espaço sem que a presença de uma implique necessariamente a rejeição ou a negação da outra. Trata-se, pois, de FDs que ora se opõem, ora se mesclam de forma até certo ponto harmônica. Isso nos mostra, em última análise, que os limites entre uma FD e outra não são traçados de modo definitivo, podendo deslocar-se, embaralhar-se, o que leva Courtine (1981: 24) a propor o interdiscurso como *um processo de reconfiguração incessante*. Além disso, não podemos perder de vista que a constituição dos discursos, assim como a dos sujeitos, se dá de forma contraditória, sendo, portanto, a contradição algo inerente às FDs e às FIs.

Esse rápido exame do discurso do professor de português, pelo viés da AD, revela, pois, a heterogeneidade que está na base da sua constituição, já que ele é atravessado por diferentes FDs, como as destacadas em nossa análise. Quanto ao discurso político⁵, analisemos um trecho do discurso de posse do primeiro mandato de José Orcírio dos Santos (o Zeca do PT), atual governador de Mato Grosso do Sul, proferido no dia 1.º de janeiro de 1999:

Quis Deus, pelas mãos do povo, que eu assumisse a responsabilidade de conduzir o Estado para o novo milênio. Os desafios enfrentados só fizeram fortalecer o meu caráter e a minha vontade de mudar as regras do jogo. Por isso, assumo

hoje, sem medo, com firmeza e determinação, o governo de um Estado economicamente falido e socialmente fracassado, resultado do descompromisso daqueles que, eleitos pela vontade de povo, foram incapazes de retribuir-lhes a confiança.

Do ponto de vista semiótico, observamos, no trecho em questão, o contrato que se estabelece, numa eleição, entre um destinador D1 *povo* (a maioria dos cidadãos) e um destinatário-sujeito D2 *o eleito*, em que o primeiro comunica ao segundo um poder-fazer, em seu nome, já que, numa democracia, o povo é, pelo menos teoricamente, o detentor do poder. Destacando que os entraves foram muitos nesse processo, o governador eleito reconhece, ao mesmo tempo, que houve um querer-fazer maior, atribuído a um terceiro actante transcendental inquestionável: Deus, que, por meio do destinador-delegado povo, garantiu a conjunção do governador eleito com o poder, para que ele *assumisse a responsabilidade de conduzir o Estado para o novo milênio*. Na verdade, os desafios enfrentados (com a ajuda de Deus) tornaram-no ainda mais competente para realizar a performance que dele se espera: levar o sujeito de estado MS à disjunção com o objeto-valor caos e à sua conjunção com outro objeto: ordem.

No âmbito da AD, além do "jogo de imagens" que se institui no discurso de José Orcírio: imagem de MS, como "*um Estado economicamente falido e socialmente fracassado*"; imagem negativa dos governadores anteriores, descomprometidos com a vontade do povo que os elegeu; imagem positiva do próprio governador eleito, já que associada a qualidades como coragem, firmeza e determinação, não podemos deixar de perceber, no que diz respeito à heterogeneidade discursiva, uma FD religiosa que atravessa a FD política.

Os dois exemplos apresentados nos levam, pois, a concluir que a articulação entre a semiótica greimasiana e a AD é não apenas possível como também desejável, uma vez que permite (re)construir o sentido do discurso de forma mais rica e completa, mostrando que as teorias em questão, embora partam de pressupostos diferentes, não apresentam, como pensam alguns, incoerências teóricas ou contradições que invalidariam a análise feita.

Notas

¹ Por motivos de praticidade, tomaremos os termos texto e discurso como sinônimos. Nesse caso, entendemos por texto/discurso uma unidade de sentido, dotada de organização interna e inserida num contexto sócio-histórico de produção e recepção.

²Utilizaremos, doravante, as siglas FI para formação ideológica e FD para formação discursiva.

³Authier-Revuz (1990: 36) trabalha a noção de heterogeneidade em dois planos distintos, mas complementares: 1) a heterogeneidade constitutiva; 2) a heterogeneidade mostrada (marcada ou não marcada). No presente trabalho, por razões de espaço, só nos ocuparemos da primeira forma de heterogeneidade: a constitutiva.

⁴Esse discurso foi analisado em nossa tese de doutorado, intitulada *A imagem da língua portuguesa no discurso de sujeitos escolarizados e não escolarizados* (USP, 1999), sob a orientação do Professor Doutor José Luiz Fiorin.

⁵Esse discurso faz parte do corpus da pesquisa *A imagem de Mato Grosso do Sul no discurso de seus governantes, que temos desenvolvido nos dois últimos anos, com bolsistas do PIBIC/CNPq.*

Referências bibliográficas

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas, 19: 25-42, jul./dez., 1990.

BARROS, Diana L.P. *Teoria do discurso: fundamentos semióticos*. São Paulo: Atual, 1988.

_____. *Teoria semiótica do texto*. São Paulo: Ática, 1990.

COURTINE, J-J. Quelques problèmes théoriques et méthodologiques en analyse du discours à propos du discours communiste adressé aux chrétiens. *Langages*, Paris, 62, juin, 1981.

FIORIN, José Luiz. *O regime de 1964: discurso e ideologia*. São Paulo: Atual, 1988a.

_____. *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Ática, 1988b.

GREIMAS, A.J. & COURTÉS, J. *Sémiotique: dictionnaire raisonné de la théorie du langage*. Paris: Hachette, 1993. v. 1.

MAINGUENEAU, Dominique. *L'analyse du discours: introduction aux lectures de l'archive*. Paris: Hachette, 1991.

_____. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas: Editora UNICAMP/Pontes, 1993.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso. *In*: GADET, F. & HAKS, T. (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso*. Campinas: Editora UNICAMP, 1990.

PÊCHEUX, M. & FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. *In*: GADET, F. & HAK, T. (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso*. Campinas: Editora UNICAMP, 1990.

POSSENTI, Sírio. *Por um novo perfil do professor de português*. Seminário do GEL, Lins, 1986. (fotocopiado)

COLABORADORES

Carmem Cecília Camatari Galvão
Professora da Faculdade Jesus, Maria e José – Taguatinga (DF)
Mestrado em Lingüística pela Universidade de Brasília – UnB

Cibele Brandão
Professora do Departamento de Lingüística, Línguas Clássicas e Vernácula
da Universidade de Brasília – UnB
Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Lingüística da UnB

Denize Elena Garcia da Silva
Professora do Departamento de Lingüística, Línguas Clássicas e Vernácula
da Universidade de Brasília – UnB
Doutorado em Lingüística Hispânica pela Universidad Nacional Autónoma
de México – UNAM

Dina Maria Martins Ferreira
Professora da Faculdade de Filosofia, Letras e Educação da Universidade
Presbiteriana Mackenzie (SP)
Doutorado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

Colaboradores

Eline Alcântara dos Santos

Professora do Departamento de Ciências Humanas da Universidade do Estado da Bahia – UNEB

Mestrado em Lingüística pela Universidade de Brasília – UnB

Gláucia Muniz Proença Lara

Professora do Departamento de Letras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS

Doutorado em Semiótica e Lingüística Geral pela Universidade de São Paulo – USP

Heloisa Marques Miguel

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Goiânia – UFG

Ivone Tavares de Lucena

Professora do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade Federal da Paraíba – UFPB

Doutorado em Lingüística e Língua Portuguesa

Izabella dos Santos Martins Mendes

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

Jacob L. Mey

Professor Emérito da Universidade do Sul da Dinamarca, Odense

Doutorado em Filosofia pela Universidade de Zaragoza, Espanha

Janaína Minelli de Oliveira

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

Lilian Márcia Simões Zamboni

Consultora Legislativa do Senado Federal – Brasília (DF)

Doutorado em Lingüística pela UNICAMP

Luiz Antônio Marcuschi

Professor do Departamento de Letras da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE

Doutorado em Filosofia da Linguagem pela Universidade de Erlangen-Nürnberg, Alemanha

Maria Carmen Aires Gomes

Professora do Departamento de Letras e Artes da Universidade Federal de Viçosa – UFV

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

Maria Francisca de Oliveira Santos

Professora do Departamento de Letras da Universidade Federal de Alagoas – UFAL

Doutorado em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE



Dupligráfica Editora
SIG/Sul Qd. 08 n° 2396 - Brasília/DF
Fone: (61) 3344-1918 - Fax: (61) 3344-1924
e-mail: dupligráfica@terra.com.br

**OUTROS LANÇAMENTOS DA
EDITORA UNIVERSIDADE
DE BRASÍLIA**

Minhas cartas e as dos outros

(volumes 1 e 2)

Carlos Lacerda

A crise do modelo francês

Denis Rolland

**Agrotóxicos: mutações, câncer &
reprodução**

Cesar Koppe Grisolia

Introdução à cinemática relativística

José de Lima Acioli

Novos estudos sobre línguas indígenas

Aryon Dall'Igna Rodrigues

Ana Suelly Arruda Câmara Cabral

Simmel e a modernidade

(2.^a edição)

Jessé Souza e Berthold Öelze

(Organizadores)

**A pós-graduação no Brasil: formação
e trabalho de**

mestres e doutores no país

(volume 1 - 2.^a edição)

Jacques Velloso (Organizador)

**Psicologia e conhecimento: subsídios
da psicologia do desenvolvimento
para a análise de ensinar e aprender**

Maria Helena Fávero

Itinerários de Barbara Freitag

Sergio Paulo Rouanet, Nair Heloisa

Bicalho de Sousa e Maria Francisca

Pinheiro Coelho (Organizadores)

Nas instâncias do discurso: uma permeabilidade de fronteiras compreende cinco partes. A necessidade de uma mudança de perspectiva na relação entre discurso e gramática, acentuada pela preocupação decorrente de questões voltadas para o ensino gramatical, equivale ao fio central que enlaça três artigos reunidos na primeira parte. As reflexões que tomam como objeto de análise textos veiculados na mídia marcam a segunda parte do livro, composta por três estudos, cujos autores dialogam com teorias críticas que enfocam o discurso como prática social. Ao mostrar que a língua é atividade estruturante e constitutiva, três artigos configuram a terceira parte, que envolve questões de natureza semântica e de cunho ideológico plasmadas no discurso literário. Seus autores, além de mostrarem que lingüística e literatura não se excluem, colocam em evidência não só valores políticos, inseridos em contextos sócio-históricos, mas também questões que envolvem gênero social e identidade. Em favor de uma política de representação, diferentes discussões sobre gênero discursivo, fortalecidas pela busca de articulação de diferenças epistemo-lógicas, perpassam os artigos da penúltima parte. Ilustrando ainda a permeabilidade de fronteiras que delimitam as instâncias do discurso, três artigos conformam a parte final. São reflexões de pesquisas que se estendem desde a multiplicidade de posições do sujeito-professor até as facetas que envolvem o comportamento verbal e não-verbal, presentes na dinâmica de interação em contextos acadêmicos.

CÓD. EDU 387495

ISBN 85-230-0836-5



9 798523 008368